



CATOLICA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
E PSICOLOGIA

---

PORTO

# Ser membro de uma claque de futebol: vivências e significados associados

Dissertação

Mestrado em Psicologia da Universidade Católica Portuguesa

-Especialização em Psicologia da Justiça e Comportamento Desviante-

*Inês Rodrigues Cardoso Fernandes*

Porto, novembro 2021



CATOLICA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
E PSICOLOGIA

---

PORTO

# Ser membro de uma claque de futebol: vivências e significados associados

Dissertação

Mestrado em Psicologia da Universidade Católica Portuguesa

-Especialização em Psicologia da Justiça e Comportamento Desviante-

*Inês Rodrigues Cardoso Fernandes*

Trabalho efetuado sob a orientação de

*Professora Doutora Marina Reis Barbosa*

Porto, novembro 2021

*“O Desporto tem o poder de mudar o mundo. Tem o poder de inspirar. Tem o poder de unir as pessoas de uma forma que poucas outras coisas podem fazer. Fala aos jovens numa linguagem que eles entendem. O desporto pode criar esperança onde outrora só havia desespero. É mais poderoso do que os governos na destruição de barreiras raciais. O desporto ri na cara de todos os tipos de discriminação.”*

Mandela na cerimónia de atribuição dos prémios Laureus,

2000

## **1. Agradecimentos:**

À Professora doutora Mariana Barbosa, por todo o apoio, incentivo e preocupação.

A todos os Professora da Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica, por me terem acolhido nesta aventura de 2 anos.

A todos os participantes que disponibilizaram parte do seu tempo para partilhar as suas experiências.

À Doutora Raquel Lira por ter estado sempre disponível para me ajudar em épocas mais difíceis.

À Doutora Catarina Vieira, que apesar de ser a minha supervisora de estágio esteve sempre disponível para me ajudar e apoiar em tudo o que eu precisa-se.

À Doutora Sara Queiroga por se disponibilizar a ajudar-me em todos este processo.

Aos meus pais, pelo apoio incansável, por ouvirem os meus desabafos e por me terem dado a oportunidade de seguir os meus sonhos.

Ao meu namorado, por me acompanhar em todas as lutas, pelo carinho e pela compreensão.

Ao meu irmão por me ter sempre incentivado a lutar pelos meus sonhos e a nunca desistir.

Aos meus avós por terem sempre acreditado em mim.

A toda a minha família por estar presente e apoiar as minhas decisões.

À Carolina Reis por me ter recebido numa cidade nova e por ter feito todos os esforços possíveis para me integrar, mesmo durante uma pandemia.

À Carolina Fernandes por me ter acompanhado em todo o processo.

A todos os meus amigos que me apoiaram nesta fase e que tiveram de ouvir falar sobre membros de claques e psicologia mais do que pretendiam.

A todos, o meu maior obrigada!

## 2. Resumo

Nos últimos anos tem surgido um aumento significativo de movimentos ligados ao apoio de clubes futebolísticos. Com este aumento de movimentos, surge a necessidade de compreender melhor as motivações e comportamentos destes grupos. No presente estudo queremos perceber as motivações que dão origem aos comportamentos de membros de claques desportivas, desde potenciais origens com base em processos de desindividualização ou o próprio papel das emoções e dos níveis de identificação dos adeptos com o grupo onde se inserem.

Os resultados apurados apontam para um significativo papel dos níveis de identificação por parte do adepto com a claque. Estes acabam por intensificar potenciais processos de desindividualização, que por sua vez estão na origem de comportamentos violentos. Níveis elevados de identificação acabam por ter impacto na construção social do adepto, pois sentem que estão num espaço seguro e com sujeitos com ideais semelhantes aos seus.

**Palavras-chave:** Níveis de Identificação, Claques, Adeptos, Desindividualização, Teoria da Identificação Social, Ultras

### 3. Abstract

In the last few years there has been a surge of movements connected to support groups of football clubs. With this increase of movements, came the need to understand the motivations and behaviours of these specific groups. In the present study we strive to understand the motivations behind the behaviours of support group members, from potential origins in deindividuation processes or the role of emoticons and identification levels of supporters in the support groups they joined

The results we gathered point to a particular role of the identification roles in a supporter with his support group. These levels end up intensifying potential deindividuation processes, which in turn are in the origin of violent behaviour. Higher identification has an impact on the development of the social foundation of the supporter, since they feel the support group is a safe space with people with similar points of views and beliefs to their own.

**Keywords:** Identification levels, Supporter Groups, Supporters, Fan, Deindividuation, Social Identity Theory, Ultras

## **Índice:**

1.Agradecimentos:.....	iv
2.Resumo .....	v
3.Abstract.....	vi
4.Introdução:.....	9
5.Enquadramento Teórico: .....	11
5.1. Safe Zone:.....	11
5.2. Violência no desporto:.....	11
5.3. Grupos Organizados de Adeptos:.....	12
5.4. Ultras: .....	14
5.5. Identificação do adepto (Fan Identification):.....	15
5.6. Teoria da Identidade Social: .....	18
5.7. Desindividualização:.....	21
6.Método:.....	22
6.1. Participantes:.....	23
6.2. Instrumentos.....	25
6.3. Procedimentos:.....	26
6.3.1. Recolha de Dados: .....	26
6.3.2. Tratamento e análise de dados:.....	26
7.Resultados/ Discussão .....	27
8.Conclusão .....	34
9.Referências bibliográficas: .....	37

## Índice de Anexos

I. Guião de Entrevista .....	46
II. Sistema Geral de Categorias .....	48

#### **4. Introdução:**

Ao procurar o vocábulo futebol este leva-nos para o ano 1314, (Carnibella, Fox, Fox, McCann, Marsh, & Marsh, 1996) sendo que nessa altura era utilizado para descrever “jogo popular, deficitariamente organizado, no qual era permitido a utilização das mãos e dos pés” (Dunning & Curry, 2004, p. 31). O futebol como o conhecemos atualmente é bastante diferente de como era quando surgiu.

O futebol em Portugal começou a ganhar popularidade no final do século 19, tendo sido trazido por estudantes que tinham regressado de Inglaterra. No início do século 20 existiu uma necessidade de haver uma competição para estabelecer qual o melhor clube tendo então levado à elaboração da taça de Portugal. Apesar de ser o desporto de equipa mais falado no mundo, só em 1960 é que a questão social no futebol recebeu uma atenção substancial dos investigadores das ciências sociais (Harrington, 1968; Lever, 1969; Taylor, 1969).

Os fãs de futebol surgiram em Inglaterra e foram numerosos o suficiente para formar uma associação em 1913. No entanto, no continente europeu, tais organizações permaneceram escassas de 1920 a 1930. Começando a desenvolverem-se logo após a Segunda Guerra Mundial. Os fãs pioneiros desses clubes pertenciam à classe média baixa e escolheram um bar no centro da cidade como sede e local de encontro (Bernache-Assollant, Bouchet, Auvergne & Lacassagne, 2011). A importância e a magnitude dessas associações estruturaram a vida social urbana e participaram, mais ou menos oficialmente, no funcionamento dos clubes (Nuytens, 2004).

As origens sociais dos primeiros fãs eram diversas (estudantes do ensino médio e universitário, jovens trabalhadores...). Esses grupos de fãs criaram associações rigorosamente estruturadas, com uma localidade, cartões de filiação, taxas de filiação e planeamento de tarefas (Nuytens, 2004). Por exemplo, nos campeonatos franceses de futebol, existiam 50 clubes profissionais com pelo menos dois grupos de fãs, representando aproximadamente 200 associações e 20% dos espectadores por jogo (Bromberger, 1995).

Surge por consequência o hooliganismo no futebol, definido como: “Uma forma distinta de comportamento indisciplinado e destrutivo em que os participantes são fãs ou adeptos de um ou mais clubes de futebol ou seleções nacionais e é frequentemente,

embora não exclusivamente, evidenciado durante ou imediatamente antes ou depois dos jogos” (Wikipedia Encyclopedia, setembro de 2006).

No dia 15 de maio de 2018, a academia do Sporting foi atacada por aproximadamente 50 adeptos que pertenciam à claque Juventude Leonina, sendo que estes se encontravam de cara tapada enquanto ocorria o treino da equipa principal e posteriormente começaram a agredir os jogadores e a equipa técnica.

No dia 4 de junho de 2020, o autocarro que transportava a equipa do Benfica depois de um jogo em que estes empataram, um grupo de adeptos que esperava pelo autocarro à saída do estádio atacou esse mesmo deixando alguns jogadores feridos.

Estas são apenas duas notícias no meio de tantas outras que tem vindo a ocorrer ao longo dos anos em Portugal, sendo então de extrema importância esta área de estudo e uma intervenção nesta população para promover um melhor ambiente nestes contextos.

Assim sendo, o projeto que é proposto tem como intuito compreender os significados e experiências de membros de claques, de modo a estudar os potenciais fatores que levam um indivíduo a juntar-se a uma claque e posteriormente ter possíveis comportamentos que não teria noutro contexto da sua vida, neste projeto irão ser abordados vários conceitos com intuito de compreender o que leva um indivíduo a ter dados comportamentos exclusivos ao contexto de claque.

Assim sendo, inicialmente foi abordado o conceito de claque e como este é definido, sendo que este é o termo mais utilizado pela sociedade para se referir a um grupo de indivíduos que se juntam para apoiar uma equipa, no entanto, o termo correto para definir estes indivíduos é denominado por grupo organizado de adeptos (GOA) sendo que irei aprofundar este termo mais à frente.

Ao longo deste trabalho como já referido irão ser abordados vários conceitos, como a desindividualização, a identificação do adepto, a identificação social e algumas teorias que têm vindo a ser estudadas para compreender melhor os comportamentos de indivíduos pertencentes a grupos.

## **5. Enquadramento Teórico:**

### **5.1. Safe Zone:**

O safe zone é um projeto que tem como intuito aumentar as capacidades dos treinadores e educadores para prevenir a radicalização e comportamentos violentos entre adolescentes através do desenvolvimento de um conjunto abrangente de ferramentas de e-learning. Este programa está implementado em 4 países da União europeia, Itália, Alemanha, Portugal e Eslovénia. Este programa tem como intuito aumentar as capacidades de prevenção e fornecer treino de forma a que os treinadores e educadores sejam capazes de prevenir e identificar comportamentos violentos através de campanhas e protocolos já existentes com outras identidades. Tem também como objetivo trabalhar as capacidades, promover o conhecimento e apoiar a cooperação entre organizações a nível local, além do intercâmbio e cooperação nacional e transnacional em questões de prevenção à radicalização (Proposal submission Forms, 2019).

Esta projeto insere-se no projeto mais amplo o Safe zone, uma vez que ambos têm como principal objetivo diminuir os comportamentos desviantes no desporto.

### **5.2. Violência no desporto:**

Ao pesquisar no motor de busca “Google”, as palavras “Marega”, um jogador de futebol do Futebol Clube do Porto que foi recentemente alvo de insultos racistas por parte de uma claque futebolística, com a palavra “Racismo”, associada ao incidente previamente descrito, é possível obter cerca de um milhão e meio de resultados.

Cientistas sociais demonstraram um interesse de longa data, embora esporádico, nos fenómenos de multidões (Russell, 1995). As multidões de futebol em particular atraíram diversas críticas por parte dos media e do governo devido aos comportamentos desviantes, dentro e fora do estádio.

Tanto o governo como as entidades responsáveis pelo futebol têm vindo ao longo dos anos a tentar arranjar mecanismos e regras para controlar estes tipos de comportamentos desviantes, tendo então banido o consumo de bebidas alcoólicas, arranjado zonas para adeptos das equipas adversárias e aumentaram os preços dos bilhetes para haver uma seleção de quem entra nos estádios (Guttman, 1986).

Estes insultos a Marega podem ser vistos como formas de intimidação ou de violência psicológica por parte das claques, de modo a procurar afetar o desempenho do jogador. Quase sempre que se fala de violência por parte de adeptos para com outros adeptos ou com jogadores, falam-se também de “Hooligans”, que em Portugal são mais comumente associados a claques de apoio a certos clubes. Os autores Marsh, Fox, Carnibella, McCann e Marsh (1996) afirmam que a percepção destes “hooligans” ou claques de apoio pode também estar distorcida pelo mesmo elemento que os potencia, os media, afirmando que desde 1960 que jornalistas ingleses focam por vezes mais o comportamento das claques que o jogo em si, muitas vezes sendo sensacionalistas.

Kahle e Riley em 2004 observaram que para alguns indivíduos o jogo de futebol é mais do que apenas um jogo e os sentimentos que o indivíduo experimenta não conseguem ser replicados através de uma atividade diferente, afirmando também que os adeptos se identificam fortemente com as suas equipas sentindo que fazem parte das mesmas. Experimentando respostas emocionais e psicológicas semelhantes aquelas esperadas pelos jogadores.

### **5.3. Grupos Organizados de Adeptos:**

*“«Grupo organizado de adeptos» o conjunto de adeptos, filiados ou não numa entidade desportiva, tendo por objecto o apoio a clubes, a associações ou a sociedades desportivas;”. (Lei nº 39/2009, Capítulo 1, artigo 3, alínea g)*

O interesse científico em relação aos espectadores não parece corresponder ao significado que este tem na sociedade atual (Wann, Melnick, Russell, & Pease, 2001). Considerando os salários dos profissionais, as vendas de diversos produtos e a violência que ocorre dentro dos estádios e fora dela, o desporto tornou-se uma verdadeira entidade social da sociedade contemporânea, notando-se um aumento dos apoiantes e dos patrocinadores (Bernache-Assollant, Bouchet, Auvergne, & Lacassagne, 2011).

As mudanças nas preferências dos consumidores em relação aos espectadores na televisão e nos estádios parecem ser, cada vez mais, uma ilustração da transformação geral dos grupos sociais, em particular, no que diz respeito às atividades de lazer. O significado que um dado grupo de espectadores atribui à sua atividade na participação não

pode simplesmente ser assumida (Holt, 1995; Wann et al., 2001). Não é apenas uma questão de se misturar com multidão e esquecer as restrições do seu estilo de vida por um curto período. Os eventos desportivos muitas vezes coincidem com a expressão de sentimentos compartilhados: o jogo é vivido nas bancadas do estádio da mesma forma que é vivido no campo (ou assistindo na televisão) (Bernache-Assollant, Bouchet, Auvergne, & Lacassagne, 2011). Ao assistir a jogos, as pessoas podem-se identificar e afirmarem-se como pertencentes a um grupo, o evento desportivo torna-se assim um instrumento poderoso de categorização social. Como dito anteriormente, o desenvolvimento do futebol surge no pós Segunda Grande Guerra, tendo impacto na vida social dos adeptos, de uma forma particular, por exemplo, os desportos e correspondentes eventos desportivos têm um papel significativo na construção da identidade de um indivíduo, bem como na construção do grupo social do mesmo (End, Kretschmar, Campbell, Mueller, & Dietz-Uhler, 2003). Este fenómeno é particularmente marcante no futebol, onde existem diferentes grupos de adeptos (claques), (Giulianotti, 2002).

Adeptos de várias idades, géneros e grupos sociais percebem os eventos de forma diferente com base nos pontos de vista sociais e psicológicos específicos, na cultura nacional e no local onde o evento decorre, influenciando assim as suas preferências (Bernache-Assollant, Bouchet, Auvergne, & Lacassagne, 2011).

A integração dos adeptos, atua instrumentalmente de forma a permitir a formação simbólica da dimensão do objeto (ou seja, a equipe apoiada) e a que esta seja assimilada, operando em duas direções (Holt, 1995). Por um lado, o indivíduo assimila o jogo em termos da identidade do grupo de adeptos (processo de autoextinção) e, por outro, reorienta o seu autoconceito, adaptando-o a uma identidade, mais ou menos definida institucionalmente.

A maioria da investigação sobre grupos de adeptos surge de análises etnológicas e sociológicas relacionadas com a violência observada nos estádios (Roversi, 1991), com os hooligans (Bernache-Assollant, Bouchet, Auvergne, & Lacassagne, 2011), ou o marketing e as questões legais em relação ao patrocínio e merchandising (Kahle & Riley, 2004; Pons, Laroche, Nyeck, & Perreault, 2001).

Desde o aparecimento de grupos organizados de adeptos, que os espectadores dos jogos passaram a ser o 12 elemento da equipa no campo, e isso levou a uma mudança drástica no futebol (Zani & Kirkchler, 1991). Muita investigação tem sido realizada para

identificar os adeptos que se tornam agressivos nos estádios. Contudo, os investigadores depararam-se com resultados um pouco ambíguos pois estes sugerem que a maioria dos indivíduos podem tornar-se fanáticos e violentos (Zani & Kirkchler, 1991). Segundo o autor Salvini (1988) os hooligans nem sempre apresentam vulnerabilidades sociais e económicas, tendo sido sugerido pelo autor que estes são indivíduos comuns, mas com uma necessidade de experienciar emoções fortes.

Pooley (1978) descreveu um continuum que caracteriza pessoas interessadas em desportos, com espectadores num lado e adeptos do outro, “Enquanto que um espectador de desporto vê o espetáculo e esquece-o passado um momento, um adepto continua interessado até que a intensidade do sentimento em relação à equipa se torna tão forte que partes do dia são dedicadas à sua equipa ou em alguns casos, ao amplo domínio do próprio desporto” (p.14).

#### **5.4. Ultras:**

O que muitos chamam de “movimento Ultra” é hoje em dia um quebra-cabeça complexo no qual nada é o que parece (Spaaij & Viñas, 2005). O uso do termo 'ultra' tem raízes na Itália, onde no final dos anos 60, grupos organizados de jovens adeptos de futebol, começaram a surgir em ambientes fortemente politizados. O movimento ultra italiano demonstra um alto grau de autonomia, diferente do estereótipo hooligan inglês, e tornou-se um modelo importante para vários países europeus (Spaaij & Viñas, 2005). Os jovens espanhóis foram os primeiros a copiar o modelo ultra italiano, interagindo tanto com a subcultura hooligan inglesa quanto com algumas características culturais e políticas nativas (Testa & Armstrong, 2008).

Nos primeiros anos, em Espanha, o termo ‘ultra’ tinha um significado muito específico: um ultra é mais do que um espectador comum; é alguém que apoia incondicionalmente a equipe de forma ativa, construtiva, mas crítica. Ser ultra não se restringe aos dias de jogo, mas é fundamentalmente um modo de vida, dedicando grande parte do tempo livre para organizar atividades ou preparar exibições para a próxima jornada. As exibições meticulosamente coreografadas – Tambores, grandes bandeiras, cânticos e assim por diante (Doidge, 2013; Spaaij & Viñas, 2005).

Paralelamente à influência do modelo de adepto italiano, muitos jovens adeptos abraçaram as subculturas juvenis inglesas populares, como os *Mods* e, mais tarde, os

*skinheads*, centrados no modelo clássico do hooliganismo do futebol. As influências italianas e inglesas coexistem nas bancadas espanholas, mas com motivações diferentes: enquanto que os ultras enfatizam a criação de uma atmosfera apaixonada por grandes exibições coreografadas, o hooliganismo é essencialmente uma forma mais agressiva de fãs de futebol em que procuram ativamente confrontos com hooligans rivais, sendo esta a principal característica diferenciadora de ambos os movimentos. Idealmente, os ultras devem ser considerados como uma forma de apoio organizado em vez de uma forma de violência (Doidge, 2013).

Na realidade, entretanto, a maioria dos grupos ultras, inclui núcleos de adeptos violentos que se envolvem em conflitos políticos ou territoriais com ultras rivais ou até mesmo com a polícia, muitas vezes influenciados pelo hooliganismo no futebol inglês. Outra diferença importante entre os dois modelos são os números envolvidos. Os ultras, em parte devido à sua natureza organizada e institucionalizada, têm essencialmente mais membros ou afiliados do que os grupos hooligan (Spaaij & Viñas, 2005).

Foi só nos meados da década de 80, que a palavra ultra apareceu pela primeira vez em reportagens dos *media*, que anteriormente preferiam o termo sócio quando falavam de adeptos radicais. No final da década, o aumento da politização e radicalização de muitos grupos ultra e a estigmatização subsequente iniciaram uma mudança profunda na definição social de ultra (Spaaij & Viñas, 2005).

### **5.5. Identificação do adepto (Fan Identification):**

Um dos temas mais relevantes na investigação do comportamento em grupo é a violência de grupos.

Comportamentos desviantes como por exemplo agressões por parte de espectadores tem vindo a preocupar as autoridades desportivas e civis ao longo dos anos (Russel & Arms, 1998). Segundo os autores Russel & Arms (1998), a identificação do adepto é uma variável individual que potencialmente influencia os comportamentos agressivos de espectadores. Por sua vez, a identificação do adepto refere-se à ligação psicológica sentida pelos adeptos quanto à sua equipa. (Wann & Branscombe, 1993).

Na psicologia social, a partir do trabalho realizado por Wann et al. (2001) a investigação sugere, que foi particularmente prolífico, no que diz respeito às distinções

de classificação de grupos de espectadores. O primeiro diferencia o consumo direto do indireto. Este implica a presença pessoal durante um evento desportivo e a possibilidade de causar impacto no meio ambiente, enquanto que o segundo implica uma exposição ao evento desportivo por meio dos diversos meios de comunicação, como por exemplo a televisão, a rádio ou a Internet. De acordo com os estudos Wann et al. (2001), esta distinção é importante pois permite perceber que o contexto situacional de comparecer a um evento poderá ter um impacto nas reações do espectador durante o jogo (Brummett & Duncan, 1990; Duncan & Brummett, 1989).

Os fãs menos identificados parecem relativamente menos interessados no evento em que estão a participar, não usam acessórios que significam a sua adesão e raramente aplaudem e apoiam a sua equipa. O seu papel no apoio à equipa é simplesmente um componente periférico de seu próprio autoconceito (Wann et al., 2001). No entanto, para os adeptos altamente identificados, este papel é uma componente central da sua identidade e a equipa passa a ser uma extensão de si (Tajfel & Turner, 1979). As vitórias ou derrotas da equipa passam a ser as dos fãs que estão imersos no jogo. Estão vestidos (ou pintados) com as cores da sua equipa, apoiam-na ativamente tentando destabilizar os adversários, confrontam os adeptos das equipas adversárias e expressam insatisfação quando o árbitro assinala falta à sua equipa. Além de que, eles exibem constantemente um alto nível de identificação de um jogo para outro, ano após ano (Wann, 1996; Wann, Dolan, McGeorge, & Allison, 1994; Wann & Schrader, 1996).

Branscombe e Wann (1992) descrevem a identificação de adepto como “a extensão pela qual o indivíduo se percebe como um adepto da equipa, está envolvido com a equipa, preocupa-se com a performance da equipa e vê a equipa como uma representação de si mesmo”.

O termo identificação de adeptos é recente, tendo apenas começado a ser estudado na última década, no entanto a pesquisa sobre identificação social noutros domínios desenvolveu-se desde o estabelecimento de teoria da identidade social (Tajfel & Turner, 1979). Por sua vez, a teoria da identidade social afirma que a categoria social onde alguém se enquadra, e a categoria onde este percebe estar inserido, fornece uma definição das características desta mesma categoria onde está inserido (Hogg, Terry, & White, 1995).

O modelo psicossocial de violência de adeptos (Simons & Taylor, 1992) sugere que a identificação predispõe os adeptos a seguir uma série sequencial de processos

psicológicos que, em última instância, os levam a ter comportamentos agressivos. De acordo com Simons e Taylor (1992), uma alta identificação do adepto pode levar a que este experiencie uma maior percepção de solidariedade perante o grupo e estão mais propensos a se desindividualizarem quando se encontram em grupo do que indivíduos com baixos níveis de identificação. Os mesmos autores sugerem que um indivíduo com alta identificação e desindividualização está mais propenso a ter comportamentos agressivos do que adeptos com baixos níveis de identificação. Isto acontece devido aos níveis de identificação serem um fator chave na moderação da resposta afetiva dos espectadores (Wann, Dolan, McGeorge & Allison, 1993).

Apesar de vários autores demonstrarem que o nível de identificação não está relacionado com a agressividade, existem evidências que indicam que os níveis de identificação influenciam a agressão instrumental que constitui comportamento consciente e fundamentado (Wann, Carlson & Schrader, 1999). Assim sendo, níveis de identificação altos podem resultar em atitudes mais positivas no que toca a comportamentos agressivos porque oferece aos adeptos uma oportunidade de “reparar” a sua identidade depois das derrotas da sua equipa (Dimmock & Grove, 2005).

Segundo os autores, Wann, Schrader e Adamson (1998), estes afirmam que adeptos com altos níveis de identificação experienciam níveis de arousal (estado eufórico) mais altos e ansiedade enquanto veem a sua equipa a jogar. Por isso a necessidade de se destacarem pode influenciar a percepção de controlo comportamental enquanto veem o jogo. As derrotas da equipa desvalorizam a necessidade de um destaque positivo, e apesar dos mecanismos de criatividade social permitirem a “reparação” da identidade, adeptos com altos níveis de identificação podem ficar mais frustrados com a derrota da equipa e podem perder o controlo comportamental como resultado dessa frustração (Dimmock & Grove, 2005).

Na etnologia e na sociologia, os trabalhos de Bromberger (1995) estão na origem da investigação, sobre os tipos de adeptos, tendo em conta o seu nível de identificação. De acordo com esta investigação, as competições, com os adeptos e espectadores comuns, criam um leque de identificações diversas e geram uma representação simbólica de valores sociais. Durante os jogos de futebol, pode-se comemorar juntos como um grupo ou expressar descontentamento. Cada confronto fornece o suporte simbólico de alguma faceta (étnica, profissional, regional) da identidade do espectador (Bernache-Assollant,

Bouchet, Auvergne, & Lacassagne, 2011). O sentimento de pertença é construído a partir de uma relação mais ou menos conflituosa entre esses aspetos.

Apesar do consenso que une os adeptos de um clube, podem existir diferenças entre os grupos individuais. Assim, cada grupo reflete um mundo social específico e ocupa uma área do estádio à qual uma certa identidade está ligada e expressa a emoção do grupo durante o jogo. Os processos de identificação que se manifestam estão também presentes na análise das categorias de idade, preferências por determinados jogadores, gostos dos membros, estilo de vida e comportamento.

Uma outra abordagem que tenta explicar estes comportamentos agressivos é o efeito de falso consenso, este efeito refere-se à tendência de as pessoas “verem as suas próprias escolhas comportamentais e julgamentos como relativamente comuns e apropriados dadas as circunstâncias enquanto veem respostas alternativas como incomuns, desviantes ou improprias” (Ross, Greene & House, 1977, p280).

## **5.6. Teoria da Identidade Social:**

Nos últimos 15 a 20 anos, a identidade social assumiu um papel cada vez mais importante na investigação relativa aos comportamentos de grupo e relações intergrupais (Cameron, 2004). Este aumento pode ser atribuído não apenas ao significado teórico atribuído à identificação social pela teoria da identidade social de Tajfel (1978), mas também à disponibilidade de medidas de avaliação da identidade social, muitas das quais são derivadas de uma escala desenvolvida por Brown, Condor, Mathews, Wade e Williams em 1986, (Cameron, 2004).

A investigação existente sobre a identidade social é predominantemente baseada na Teoria da Identidade Social (TIS) de Tajfel e Turner (1979), (Bruner, Boardley & Côté, 2014). A premissa central da TIS é que os indivíduos definem-se e avaliam-se tendo em conta os termos do grupo ao qual pertencem (Hogg & Abrams, 2001).

A identidade social foi definida pelo autor Tajfel como *“that part of an individual's self-concept which derives from his/her knowledge of his/her membership of a social group (or groups) together with the value and emotional significance attached to that membership”*, sendo a tradução, “aquela parte do autoconceito de um indivíduo que deriva do seu conhecimento e da sua pertença a um grupo (ou grupos) social,

juntamente como o valor e significado emocional associado a essa pertença”, (Tajfel, 1981, p. 255).

Conforme destacado na definição anterior, a identidade social é conceptualizada como tendo três dimensões principais, a primeira a centralidade cognitiva (Importância de ser um membro do grupo), a segunda o afeto dentro do grupo (Sentimentos positivos associados à adesão ao grupo) e a terceira os laços dentro do grupo (percepções de semelhança, vínculo e de sentimento de pertença com os outros membros do grupo), (Cameron, 2004).

Investigações realizadas em laboratório e no campo nos últimos 50 anos sugere que a identidade social tem consequências importantes para o comportamento (Hornstein, 1976, Nezlek e Smith, 2005, Tajfel, Billig, Bundy & Flament, 1971). Os primeiros trabalhos de laboratório realizados por Tajfel (1971) demonstraram que simplesmente categorizar os participantes em grupos diferentes com base num critério trivial, como por exemplo cara ou coroa, gerou um viés positivo em relação a um grupo. Indo ao encontro das descobertas de Tajfel, descobriu-se que indivíduos que se identificam fortemente com o seu grupo interagem socialmente de forma mais positiva com os membros do grupo do que com os não membros (Nezlek & Simth, 2005) e apresentam um comportamento mais pró-social ou de ajuda em relação aos membros do grupo e mais comportamentos antissociais em relação a membros que não pertencem ao grupo.

A Teoria da Auto-Categorização baseia-se na teoria da identidade social (Tajfel & Turner, 1979) e postula que o contexto de uma pessoa influencia a saliência relativa das suas identidades diferentes, que, por sua vez, fundamenta o seu comportamento (Turner, Hogg, Oakes, Reicher & Wetherell, 1987). De acordo com a Teoria da Auto-Categorização, uma pessoa pode, em qualquer situação, se autocategorizar num nível pessoal (um indivíduo único em comparação com outros indivíduos), num nível intermediário (um membro de um grupo interno em comparação com membros de um grupo externo), ou num nível humano (como um humano em comparação com plantas ou animais). A saliência relativa de diferentes níveis de identidade depende da interação da pessoa e da sua situação, mas uma vez que uma identidade é ativada cognitivamente, os indivíduos despersonalizam-se e adotam as normas, valores, comportamentos e emoções estereotipadas da identidade ativada. As pessoas são mais propensas a adotar esses tipos de pensamentos, sentimentos e comportamentos consistentes com estereótipos quando se identificam fortemente com o grupo (ou seja, sentem uma conexão psicológica).

Filósofos, intelectuais e investigadores científicos há muito que tentam responder à pergunta fundamental sobre a origem do comportamento consistente versus inconsistente ao longo do tempo e do contexto situacional. Alguns especialistas em psicologia, principalmente teóricos da personalidade, convergiram para a noção de que a resposta está na personalidade inata dos indivíduos, ou traços característicos que são relativamente estáveis ao longo do tempo (Funder, 1997).

Outros psicólogos, nomeadamente teóricos da identidade social, não enfatizaram as abordagens individualistas da psicologia e, em vez disso, procuraram explicar o comportamento humano como um produto dos contextos sociais, como tal, eles destacam que os indivíduos muitas vezes experimentam uma pressão profunda para se conformar ao seu grupo (Hogg & Williams, 2000). Entre outros pontos de desacordo, os teóricos desses dois campos principais debatem ferozmente o papel da personalidade como uma diferença individual que prediz o comportamento ou um produto de interações sociais dinâmicas entre a pessoa e o seu ambiente.

Os autores que estudam a área da identidade social sugerem que a personalidade pode mudar dependendo do contexto situacional (Reynolds et al., 2010), enquanto os investigadores de personalidade argumentam que a personalidade é relativamente consistente ao longo da vida (Costa, Herbst, McCrae & Siegler, 2000). O debate é exemplificado pelas fortes reações dos psicólogos da personalidade à sugestão de que a personalidade pode mudar contextualmente (Reynolds et al., 2010). Uma perspetiva integrativa dos teóricos da personalidade e da identidade social sugeriu que a identificação dentro do grupo é em si uma dimensão estável da personalidade de um indivíduo (Sagiv, Roccas, & Hazan, 2012).

Atualmente, a abordagem da personalidade mais reconhecida e empiricamente suportada é o Modelo dos Cinco Fatores, conhecido como as Cinco Grandes dimensões de personalidade (Funder & Fast, 2010). Neste modelo, a personalidade é organizada em torno de cinco fatores globais: extroversão (por exemplo, entusiasmado, sociável), afabilidade (por exemplo, caloroso, simpático), conscienciosidade (por exemplo, confiável, autodisciplinado), estabilidade emocional (por exemplo, calma, até temperamento) e abertura (por exemplo, complexo, criativo). Apesar de décadas de pesquisas apoiando a presença dos Cinco Grandes traços de personalidade, ainda há um debate de longa data entre os investigadores sobre se o comportamento é melhor compreendido em termos de fatores situacionais (Mischel, 1968) ou em termos de

diferenças individuais inerentes (Costa, Herbst, McCrae, & Siegler, 2000; Funder, 1997; McCrae & Costa, 1999).

### **5.7. Desindividualização:**

Segundo Lebon (1895), no que concerne a desindividualização, os indivíduos quando se encontram num grupo tornam-se anónimos, o que provoca uma diminuição do insight e descontrolo comportamental, o que usualmente leva a um aumento da violência. Singer, Brush e Lublin (1965) afirmam que a existência de uma redução nos sentimentos que tornam o indivíduo único e uma perda de autoconsciência é essencial para a desindividualização.

A hipótese de que o comportamento em grupos se torna desregulado tem vindo a ser refutado pela suposição de que novas normas surgem em grupos, clarificando a visão de que a desindividualização não tem efeito a partir da destruição da identidade pessoal do indivíduo, mas sim, aumentando a importância da identidade social em oposição à identidade pessoal (Reicher, 1984).

Num estudo relativo à agressividade em multidões realizado por Mann, Newton e Innes (1982), os autores identificaram que indivíduos comportam-se de forma mais agressiva em situações em que são anónimos, mas são especialmente agressivos quando o comportamento agressivo é normal e esperado, e comportam-se de forma menos agressiva se a violência nesse contexto for vista normativamente como impropria.

Segundo Gustave Lebon (1896) a manutenção do anonimato em grupos é bastante estudado para tentar explicar o que leva um indivíduo que nunca apresentou comportamentos violentos a tê-los num ambiente em que está em grupo, tendo então sido explicado pelos autores referidos em cima que este anonimato coletivo faz com que os indivíduos se sintam protegidos de sanções exteriores e liberta-os psicologicamente de se envolverem em comportamentos extremos.

Zimbardo propôs um modelo que tinha várias variáveis em conta que estão associadas a multidões, como é exemplo o anonimato, difusão de responsabilidade, arousal (estado excitatório) devido aos altos barulhos e fadiga que leva à tal desindividualização (Zimbardo, 1969), sendo então a variável anonimato bastante relevantes tanto para este autor como para Lebon (1896) como referi em acima.

Diener anos mais tarde, propôs uma teoria da desindividualização que incorporava alguns elementos do modelo da desindividualização de Zimbardo (1969), da teoria da autorregulação de Bandura (1977) e a teoria da consciência do próprio de Duval e Wicklund's (1972) (Mann, Newton & Innes, 1982). A desindividualização ocorre para Diener quando a atenção dos indivíduos está apenas focada no grupo e assim tornam-se indiferentes à sua própria consciência (Mann, Newton & Innes, 1982).

## **6. Método:**

A metodologia qualitativa pode ser notoriamente variada e complexa (Holloway & Todres, 2003), e Harry Wolcott (1994) aponta que existem pelo menos 50 tipos distintos de análise por onde se pode escolher, incluindo análise de conteúdo, análise fenomenológica interpretativa, análise de modelo, análise do discurso, análise narrativa e análise de conversação. Pode parecer uma tarefa difícil tentar dar sentido ao que pode parecer uma quantidade esmagadora de dados e transformá-la numa forma legível (Wolcott, 1994). Embora haja uma série de livros didáticos sobre análise qualitativa (por exemplo, Dado, 2008; Grbich, 2006; Ritchie et al., 2013), que fornecem uma série de articulações do processo, o princípio básico da análise qualitativa é resumido por Matthew Miles e Michael Huberman, que descreve os três “fluxos de atividade” simultâneos que todas as análises precisam de seguir (Miles & Huberman, 1994, p. 12): “isto é, redução dos dados, exibição dos dados e a conclusão”.

A análise temática é o método analítico qualitativo mais frequente nas ciências sociais numa variedade de disciplinas, como a sociologia, a antropologia e a psicologia. Virginia Braun e Victoria Clarke (2006) afirmam que a análise temática é o primeiro método qualitativo de análise que os investigadores devem aprender, pois fornece um conjunto de técnicas e habilidades fundamentais que são usadas em muitas outras formas de análise qualitativa. Braun e Clarke também argumentam que a análise temática fornece uma grande flexibilidade e pode ser aplicada em diferentes posições epistemológicas e ontológicas. Dada a natureza do estudo a análise temática acaba por se integrar melhor que as restantes alternativas.

Fereday e Muir-Cochrane (2006) descrevem a análise temática como sendo “uma busca por temas que emergem como importantes para a descrição do fenómeno” (p. 82). É um método, ou processo, para identificar e codificar padrões de significado na pesquisa

qualitativa primária (Braun & Clarke, 2006, 2013); identifica e organiza os temas que o investigador julga importantes na descrição do fenómeno em estudo e muitas vezes estão associados a uma questão de pesquisa específica (Daly et al., 1997).

Uma das grandes vantagens dos métodos qualitativos na pesquisa exploratória é o uso de perguntas abertas, uma vez que permite aos participantes a oportunidade de responderem com suas próprias palavras, em vez de serem forçados a escolherem respostas já pré-estabelecidas (Mack, Woodsong, MacQueen, Guest & Namey, 2005).

Esta abordagem com questões abertas é bastante pertinente para este estudo em questão, uma vez que este tem como base o comportamento humano, permitindo assim ter uma melhor visão sobre a temática.

O principal objetivo deste estudo era compreender os significados e experiências de membros de claques, de modo a estudar os potenciais fatores que levam um indivíduo a juntar-se a uma claque e posteriormente ter possíveis comportamentos que não teria noutro contexto da sua vida. Assim, criou-se os seguintes objetivos específicos:

- Através da perspectiva de membros de claques, compreender as motivações que levaram a associar-se a este tipo de grupo.
- Compreender a percepção que os membros de claques têm quanto a adeptos “normais”
- Compreender todas as questões relacionadas com os comportamentos apresentados por membros de claque e possíveis fatores precipitantes destes comportamentos
- Compreender a influência que tem a identificação do adepto na vida de um membro de uma claque
- Compreender, através da perspectiva de um membro de uma claque a influência que o clube tem nas suas relações pessoais.

### **6.1. Participantes:**

Os participantes deste projeto são indivíduos maiores de idade, com nacionalidade portuguesa, que pertencem a claques de futebol portuguesas e que se disponibilizaram

para participar. No total foram realizadas 7 entrevistas, com um total de 7 participantes de diversas claques.

A abordagem pode ser classificada de duas formas diferentes consoante a etapa da recolha de dados. Numa primeira instância a recolha teve por base uma abordagem por conveniência, ou seja, foram seleccionadas pessoas cujas características correspondiam às exigências do projeto. Numa segunda fase a abordagem acabou por se aproximar mais de uma abordagem por *Snowball*, ou seja, devido ao facto dos participantes/ membros destes grupos possuírem regras bastante restritas da informação transmitida para o exterior, foi então, pedido aos participantes prévios que disponibilizassem contactos de outros membros, dando o seu parecer quanto à confidencialidade associado ao projeto.

Um outro fator para a escolha desta abordagem deve-se ao facto de o número da amostra não estar determinado antes do começo da recolha de dados, pois pretende-se chegar à saturação teórica (Mack, Woodson, MacQueen, Guest & Namey, 2005).

Tabela 1

*Tabela representativa das características de Participantes*

Participantes	Sexo	Idade	Quanto tempo é membro de uma claque	Média de jogos que assiste no estádio por época	Costuma ir acompanhado ou sozinho aos jogos
EP1	F	22	7 anos	100%	Acompanhada com por amigos
EP2	M	35	13 anos	80%	Acompanhado com por outros membros da claque
EP3	M	23	+/- 8 anos	+90%	Acompanhado com por amigos do mesmo clube
EP4	M	19	1 ano	100%	Acompanhado com por amigos ou membros da claque
EP5	M	20	7 anos	70%-80%	Acompanhado com os pais
EP6	M	21	6 anos	100%	Acompanhado com por membros da claque

---

EP7	F	22	5 anos	+90%	Acompanhada com por outros membros da claque
-----	---	----	--------	------	--

---

## 6.2. Instrumentos

O tipo de instrumento escolhido para esta investigação foi a entrevista semiestruturada. As entrevistas no seu geral fornecem um contexto mais profundo das experiências dos participantes e também nos dão informação das suas interpretações dessas mesmas experiências (Schultze & Avital, 2011). As interações que ocorrem no decorrer da entrevista entre o investigador e o participante podem ser benéficas para o participante e dá oportunidade ao mesmo de explorar eventos da sua vida (Holloway & Wheeler, 2010).

Segundo Holloway e Wheeler (2010) as entrevistas semi-estruturadas são o tipo de entrevistas mais utilizados no método qualitativo, envolvendo questões pré-definidas e permite que o investigador faça outras perguntas para clarificar alguma resposta do participante que não tenha ficado clara. É realizado um manual para a entrevista de modo que se obtenham respostas relacionadas com o tema que se está a estudar e não se perder o foco do tema e também permite que exista uma ordem e um fio condutor ao longo da entrevista (Bridges, Gray, Box & Machin, 2008). É também importante salientar que neste tipo de entrevista é possível alterar a ordem das perguntas dependendo do rumo que leva a entrevista e acrescentar uma pergunta que seja pertinente devido a algo que o participante tenha acrescentado (Corbetta, 2003).

Estudos qualitativos na área da identificação do adepto são pouco recorrentes (Harvard, 2014) no entanto esta perspetiva fornece informações vitais sobre o fenómeno da identidade do adepto. Tendo em consideração a pouca investigação com a utilização de entrevistas, a entrevista semiestruturada foi construída pelos investigadores (cf. Anexo I)

As entrevistas semiestruturadas foram realizadas a participantes membros de claques portuguesas, sendo que os domínios que foram abordados são o estado emocional do adepto quando este vê por exemplo a sua equipa a ganhar e/ ou a perder, perceber como o participante vê indivíduos de outras claques / clubes e se isso pode influenciar as suas relações pessoais, foram também abordadas as questões relativas ao comportamento com o objetivo de compreender melhor os fatores precipitantes que levam membros de claques a terem comportamentos que não têm noutros contextos.

### **6.3. Procedimentos:**

#### **6.3.1. Recolha de Dados:**

Relativamente à recolha de dados, foram realizadas entrevista semiestruturadas a membros de claques portuguesas. Estas entrevistas foram realizadas através da plataforma digital, Zoom, onde foi pedido oralmente o consentimento de participação e o consentimento de gravação da voz, de modo a facilitar a análise de dados.

A recolha de dados iniciou-se em maio de 2021 tendo decorrido até julho de 2021.

#### **6.3.2. Tratamento e análise de dados:**

Para a recolha e interpretação dos dados irei utilizar uma abordagem descritiva e qualitativo. Este método foi escolhido pois é reconhecido que a utilização adequada dos dados qualitativos recolhidos diretamente pelo investigador através de entrevistas, observação de campo e análise de documentos pode fornecer uma melhor compreensão do problema ao investigador permitindo que este não tenha apenas uma análise de dados em larga escala (Malakolunthu, 2007). Esta melhor compreensão deve-se ao facto de que a investigação qualitativa segundo os autores Mack, Woodsong, MacQueen, Guest e Namey (2005) fornece informação sobre o lado humano do problema, como por exemplo os comportamentos contraditórios, as crenças, opiniões, emoções e relações do indivíduo que são possíveis obter através de entrevistas.

A análise que se optou para o tratamento de dados foi uma análise temática de conteúdo, uma vez que esta metodologia fornece uma compreensão da construção de significado do discurso dos atores sociais (Silva et al., 2005).

Uma vez que a *Grounded Theory* é uma metodologia que procura construir uma teoria relativa a um fenómeno específico através da perspectiva dos indivíduos, (Corbin & Strauss, 2014) para a análise de conteúdo desta investigação recorreu-se a esta teoria.

Após a transcrição das entrevistas, foi realizada uma leitura flutuante, após esta leitura iniciou-se o processo de análise com a criação de códigos abertos. A codificação aberta é a etapa inicial da análise teórica, desenvolvendo códigos a partir dos dados (Glaser, 1999). Esta forma de codificação termina quando se localiza uma categoria principal. A codificação comparativa constante descreve o método de comparação que envolve a codificação aberta e teórica.

De modo a realizar todo este processo foi utilizado o software Microsoft Word.

## 7. Resultados/ Discussão

O1: Através da perspectiva de membros de claques, compreender as motivações que levaram a associar-se a este tipo de grupo.

De forma a compreender e aprofundar melhor este primeiro objetivo, foi criada uma categoria denominada de “Motivos que o levaram a juntar-se a uma claque”, sendo que esta categoria está subdividida de modo, a facilitar a leitura e interpretação dos resultados obtidos.

Um apoiante casual de um clube, muitas vezes, acaba por fazer a transição para membro de claque devido aos seus níveis de identificação com o clube. Ao sentir que os seus níveis de identificação são semelhantes aos de um grupo, acaba por procurar juntar-se de modo a poder partilhar os seus sentimentos e emoções durante o jogo com pares que estejam a passar por sentimentos e emoções semelhantes, que não iria encontrar noutros locais (Bernache-Assollant, Bouchet, Auvergne, & Lacassagne, 2011). Isto leva os nossos dados ao encontro da Teoria da Identidade Social, no sentido em que as dimensões da centralidade cognitiva, do afeto e dos laços dentro do grupo passam a estar presentes após a adesão ao grupo (Cameron, 2004). Devido aos níveis de identificação semelhantes, existe também uma significativa identificação com o grupo e consequentemente uma construção de identidade e de grupo social mais vincada e facilitada dado o meio (End, Kretschmar, Campbell, Mueller, & Dietz-Uhler, 2003), esta semelhança em termos de mentalidades são sentidas pelos participantes, quanto a potenciais motivos para se terem inserido nestes grupos - *“Mas eu acho que é mesmo isso, é tu sabes que essas pessoas sentem o futebol, de forma mais ou menos semelhante à tua e têm ideais, se se podem chamar ideais, parecidos com os teus.”* (EP7). Um adepto poder ter um espaço que considera “seguro” (no sentido de estar perante pares com motivações e emoções semelhantes às suas), acaba por levar a diversos motivos para ingressar em claques, como ser um espaço onde o adepto possa cantar em apoio ao clube – *“Porque eu tenho que estar a cantar. Obviamente, tem que estar a cantar e nas bancadas centrais não se canta.”* (EP1) – poder apoiar o clube sem preconceitos – *“Desde então fiquei fã das claques e da forma como eles apoiam as equipas e foi isso que me motivou a inserir-me numa claque.”*(EP6).

Para alguns adeptos, aderir a uma claque acaba por ser o fruto de conveniência, como o facto de ao estar inserido numa, acaba por existir uma facilitação para frequentar os jogos do clube - *“Eu entrei na claque por ser um bocado mais fácil ir ver os jogos fora do estádio ou de pavilhões.”* (EP5) – ou devido a ter crescido em volta de futebol, tendo amigos que se juntaram a claques e que recomendaram que os participantes fizessem o mesmo - *“E eu sempre cresci um bocado rodeado pelo futebol e por estes ambientes assim e em dezembro de 2019 (dois mil e dezanove) também devido aos grupos de malta dos clubes, eu estou em vários tivemos um jantar entre amigos e um desses amigos pertencia à claque onde estou e levou-me a ver um jogo e convenceu-me a ficar. E agora é como uma família para mim.”* (EP4).

## O2: Compreender a percepção que os membros de claques têm quanto a adeptos “normais”

Existem diversas distinções entre adeptos. Tendo em conta que um adepto pode ser considerado apenas um apoiante casual de um clube, um membro de uma claque ou um ultra associado a um clube, sentimos necessidade de perceber que leva cada um a passar para outro grupo, ou seja, o que leva um apoiante casual a juntar-se a uma claque ou o que leva um membro de uma claque a tornar-se num ultra, e vice-versa. Além disso procurámos perceber, da perspetiva dos participantes, quais os fatores que os distinguem.

Essencialmente, o grande fator diferenciador entre os três tipos de adepto acaba por ser o nível de identificação que o sujeito tem com o clube. Ou seja, um apoiante casual de um clube é esperado que tenha um nível de identificação menor que um membro de claque, mas este último por sua vez deverá apresentar um nível de identificação menor que o de um ultra. Um exemplo desta noção acaba por estar presente num relato de um dos participantes: *“Sim, é diferente. Para já os adeptos “normais” não fazem isso. Por exemplo, a minha claque dá muito valor a todas as modalidades. E na minha opinião um adepto “normal” não vai ver um jogo de basquetebol se for preciso só vai ver jogos com o Benfica ou com o porto.”*. Um ultra, por sua vez, acaba por “viver o clube” mesmo em dias em que o mesmo não jogue. O nível de identificação destes acaba por ser, então, superior ao de um membro de uma claque, dedicando grande parte do seu tempo livre a movimentos de apoio ao clube ( Doidge, 2013; Spaaij & Viñas, 2005) – *“O nosso fim de semana fica sempre reservado para o X sempre e o nosso dinheiro fica sempre reservado para o X.”* (EP1), *“Mas há pessoas que não sabem o que é estar sete dias, todos os dias*

*praticamente, durante horas a fazer coreografias, a fazer planos, etc. é complicado, eu tive dias quando entrei para a minha claque que saia da escola às 13 (treze) horas da tarde e ficava lá até às 20 (vinte) horas a pintar, a cortar, etc. são coisas diferentes.”* (EP4) - como é também a percepção de participantes – *“Um ultra, dedica os outros minutos todos e é um bocado por aí, é. Ser ultra é ser radical em vários aspetos é mostrar que está presente, puxar e tem uma energia que só nós nos identificarmos com ela, custa a não estar, e acho que isso também envolve o facto de ter esta esta mentalidade de estar sempre presente não só do grupo, mas individualmente. É uma coisa que cativa.”* (EP2).

Os participantes do projeto, membros de claques, identificam como principais diferenças entre si e os apoiantes casuais de um clube, maioritariamente a mentalidade - *“Mentalidades sem dúvidas. Compreendo perfeitamente, por exemplo, o meu pai prefere sentar-se numa cadeira e ver o jogo com calma. Eu, por outro lado, prefiro estar em pé a apoiar a equipa. Por isso creio que mentalidade é sem dúvidas a palavra que mais define essas diferenças.”* (EP6) – e a dedicação e preparação para o jogo do clube – *“Há pessoas que só vão ao estádio para ver jogos importantes há outros que vêm jogos mais espaçadamente e vão vendo uns assim menos importantes com equipas mais “fracas” por assim dizer e depois há os adeptos como nós que estão lá sempre. Por exemplo, não podemos ir porque temos de trabalhar, mas estamos lá praticamente sempre, não falhamos quase nada. Acho que são algumas das diferenças.”* (EP4)

### O3: Compreender todas as questões relacionadas com os comportamentos apresentados por membros de claque e possíveis fatores precipitantes destes comportamentos

De forma a compreender e aprofundar melhor este terceiro objetivo, foi criada uma categoria denominada de “Comportamento”, sendo que esta categoria está subdividida de modo, a facilitar a leitura e interpretação dos resultados obtidos.

#### -Comportamentos associados ao grupo

Como referido anteriormente, maiores níveis de identificação por parte dos adeptos para com o clube levam a uma maior probabilidade de se desindividualizarem quando inseridos em grupos com níveis de identificação semelhantes aos seus (Simons & Taylor, 1992). Esta desindividualização, por sua vez leva a um aumento da probabilidade de acessos a comportamentos violentos, aliados à noção que quando em grupo o adepto

se torna “anónimo”, obtendo uma redução do insight e um menor controlo comportamental (Lebon, 1895), por outras palavras “(...) *uma pessoa pode achar que porque está numa claque pode agir mais brutalmente*” (EP5). Estes dados acabam por demonstrar o efeito que o meio tem no comportamento dos adeptos inseridos em claques, existindo inclusive o relato de um dos participantes que corrobora esta noção – “*Numa final de uma taça no Jamor, eu vi um adepto do Braga a perguntar-nos onde é que ficavam os seus autocarros e onde é que pertencia a zona do Braga e só por passar por lá foi maltratado por pessoas que eu nunca pensei que fossem fazer uma coisa daquelas.*” (EP5). Os próprios intervenientes têm consciência de que o meio, de alguma forma, pode moldar os seus comportamentos, podendo ser um exemplo do efeito de Falso consenso (Ross, Greene & House, 1977) – “*Acho que sim e que somos muito motivados pelo contexto onde estamos e isso acontece-me imenso. Obviamente que eu enquanto estou ali (num jogo) posso estar mais irritada e claro que eu vou gritar e claro que vou chamar nomes, mas na vida fora do jogo claro que não seria ou me comportaria dessa maneira. No que diz respeito a ações mais perigosas não me identifico. Mas acredito que sim, que haja pessoas que podem mudar a forma de agir consoante o contexto.*” (EP7). Os comportamentos violentos podem ser mais significativos quando percebemos que a violência é normalizada e potencialmente esperada dentro destes grupos (Mann, Newton & Innes, 1982),

Além dos processos de desindividualização presentes em grupos de adeptos e do meio propriamente dito, existem outros fatores associados ao meio, que moldam o comportamento dos intervenientes. Um dos fatores considerados relevantes acaba por ser o consumo de substâncias, tanto bebidas alcoólicas como o consumo de estupefacientes, que tipicamente está associado a uma alteração do estado de consciência e do comportamento. Segundo Ostrowsky (2014), um dos fatores associados aos comportamentos violentos entre adeptos está ligado a diversos comportamentos desviantes, sendo um deles o consumo de álcool. O consumo de álcool e de estupefacientes acabam por ampliar os processos de desindividualização e os comportamentos agressivos – “*o futebol também como está muito associado ao convívio também o álcool promove às vezes outros disparates, e as coisas às vezes proporcionam-se.*” (EP3).

Um elevado nível de identificação, presente na maioria dos membros de claques, está associado a uma maior carga emocional durante os jogos do seu clube. Ao estarem

inseridos num grupo onde os intervenientes acabam por exibir níveis de identificação semelhantes, relatam que existe um aumento significativo da vivência emocional e que essa vivência emocional acaba por, por vezes, ter impacto no comportamento – “*o comportamento enquanto adepto é influenciado por pertencer à claque, não digo que seja influenciado pelos outros membros, ou seja, eu tenho um determinado comportamento que não teria porque vejo outros a ter, não acho que seja isso acho é que é a questão das emoções honestamente.*” (EP1).

#### -Comportamentos associados às características individuais do adepto

As características pessoais têm influência em todos os comportamentos do ser humano, sendo então esperado que venha a ter influência nos comportamentos do adepto em contexto de apoio ao seu clube (Funder, 1997).

Alguns participantes associam certos comportamentos de dados adeptos à personalidade dos mesmos – “*Está relacionado com tipos de personalidade.*” (EP6) – enquanto outros associam outros tipos de construtos psicológicos à adesão a determinados tipos de comportamentos – “*Sim, pode ser mais influenciável, mais inconsciente. Porque às vezes as pessoas são inocentes e metem-se em coisas que não devem sem terem consciência e depois no fim é que se apercebem que não o deveriam ter feito.*” (EP4).

Certas características sociodemográficas, como é exemplo da idade do adepto, poderá estar relacionada com o acesso a dado tipo de comportamentos (Bernache-Assollant, Bouchet, Auvergne, & Lacassagne, 2011)., como é o exemplo do relato: “*Concordo, acho que as pessoas mais novas não têm tanta experiência nem tanta maturidade e acabam por se deixar levar pelo que acontece ao seu redor enquanto as pessoas mais velhas, mais vividas tem uma personalidade mais forte e não cometem as “estupidezes” que os adolescentes cometem.*” (EP6)

Os indivíduos frequentemente mudam os seus pensamentos e comportamento para se alinharem com os de outras pessoas, um processo conhecido como influência social. Estudos prévios mostram que a suscetibilidade à influência social atinge o seu ponto mais alto no final da infância (cerca de 8 a 10 anos de idade) e, em seguida, diminui gradualmente ao longo dos anos da adolescência (aproximadamente 11 a 18 anos) e na idade adulta (Knoll, Leung, Foulkes, & Blakemore, 2017).

A adolescência começa com o início da puberdade e termina quando o indivíduo atinge a independência adulta (Blakemore & Choudhury, 2006). É um período de

significativa reorientação social (Van den Bos, 2013; Nelson, Leibenluft, McClure, & Pine, 2005), quando os indivíduos começam a passar menos tempo com os seus familiares e mais tempo com os seus pares (Lam, McHale, & Crouter, 2014;), dando mais importância ao que seus pares (O'Brien & Bierman, 1988). A maior suscetibilidade à influência social nos adolescentes, em relação aos adultos, aliada ao aumento da independência da família, pode levar os adolescentes a correr mais riscos quando estão com seus pares.

**O4:** Compreender a influência que tem a identificação do adepto na vida de um membro de uma claqué

De forma a compreender e aprofundar melhor este quarto objetivo, foi criada uma categoria denominada de “Identificação de um adepto”.

A partir desta categoria e através do que foi relatado pelos participantes foram criadas subcategorias que permitem organizar melhor os resultados, sendo estas subcategorias o lazer, como são sentidas as vitórias / derrotas, ser uma extensão de si.

Tendo como objetivo perceber se as idas ao estádio, bem como, a vivência do futebol, em si, são vistas como atividades de lazer ou potencialmente algo diferente os participantes descrevem que *“Então e acho que também é por isso e por nós sentirmos tanto e vibrarmos tanto que não conseguimos de todo fazer disto somente uma coisa de lazer, não dá mesmo, nem o nosso coração sequer permite, eu acho que já é quase natural de ser uma parte de nós.”* (EP1). Quanto maior o nível de identificação do adepto com o clube, menor a percepção de lazer associada às idas e vivências autoconceito (Wann et al., 2001). Como referido anteriormente, um maior nível de identificação leva a que exista uma dificuldade acrescida em distinguir a vitória ou a derrota do clube com vitórias e derrotas pessoais (Tajfel & Turner, 1979), sendo exemplo: *“Fomos lá e perdemos o jogo. Eu vim o caminho todo quase sem falar, fomos comer, mas era aquele sentimento de termos perdido, é difícil. Fazeres horas e horas de caminho e chegares lá e ser aquela desilusão. Não nos arrependemos, mas é difícil. Vais buscar outras vitórias para não te sentires tao mal. Vais buscar vitórias a outras modalidades do clube”* (EP4) e *“Sem dúvida, até porque eu, eu vejo deste ponto de vista, eu sou parte enquanto sócio do meu clube, eu faço parte e eu sou uma peça de toda a organização. É uma vitória pessoal minha também, sem dúvida.”* (EP2). A equipa passa a ser uma extensão de si mesmo (

Tajfel & Turner, 1979), indo ao encontro do relato de um dos participantes - *“Eu vejo como se fosse a minha vida. É uma parte de mim que eu não conseguia viver sem. Às vezes mesmo o sofrer que acontece nos jogos era uma coisa que eu não me conseguia habituar viver sem aquilo.”* (EP4)

**O5:** Compreender, através da perspectiva de um membro de uma claue a influencia que o clube tem nas suas relações pessoais.

Como referido anteriormente, o facto de um sujeito pertencer a uma claue acaba por moldar a sua identidade social e acaba por ter um potencial impacto nas suas relações sociais (End, Kretschmar, Campbell, Mueller, & Dietz-Uhler, 2003). Esta matéria ainda não está suficientemente desenvolvida cientificamente para poder ter por base noções de literatura, no entanto, os nossos participantes apontam para uma restrição nas relações pessoais com base no clube que o sujeito apoia, tendo apenas um participante argumentado que não acede a qualquer restrição social devido ao clube que o outro interveniente apoia - *“A maior parte das minhas relações de amizade é tudo, maior parte dos meus amigos são todos do XX, pronto lá está, conheço muito mais pessoas dos membros é diferente, mas não é por ser que vai ser meu amigo e não é por não ser que não vai ser.”* (EP3).

Os restantes participantes apontam para, ou uma influência clara - *“Contudo, se for para conhecer agora uma pessoa de outra claue, é obvio que não tenho muito interesse, isto se for um rival como é obvio, mas se for de outra claue de um clube mais pequeno creio que não haja problema, mas de um rival creio que há um choque de mentalidades.”* (EP6) - ou uma influência parcial do clube que é apoiado, aliado a outro fator, como a personalidade do interveniente - *“Eu acho que isso também depende muito é do feitio da outra pessoa ou de ambas vá porque há pessoas que podem estar aqui 1 hora a discutir e depois está tudo bem há outras pessoas podem estar 1 hora a discutir, mas o teor de discussão é tão ofensivo que as coisas não conseguem ficar bem.”* (EP1) - ou inclusive os ideais do interveniente - *“Outra claue não, clube sim e não. Ou seja, não é pelo clube, não é pela outra pessoa ser do X ou do Y que me vou deixar de dar com a pessoa. É um bocado por causa das conversas que acabam por surgir porque depois nunca estamos de acordo, isso acontece muitas vezes. Eu posso dizer que não, porque isso acontece-me seja a nível de futebol, política, etc. se não me identifico com uma pessoa ou com os temas de conversa que ela tem, ou com as suas ideias eu acabo por “desligar” um pouco, mas*

*acho que isso não tem haver, pelo menos no meu caso que não deixo de ter amigos que sejam de outro clube, até porque, muitos dos meus melhores amigos são X.*” (EP7). Num caso específico existe menção de adeptos de outros clubes como rivais em termos de ideais: *“Depende um bocado das pessoas que sejam, e neste caso nem é preciso ser de outro clube. Já tivemos imensas situações onde pessoas de outras claques tiveram abordagens menos certas connosco, principalmente mulheres. Mas isto vem de pessoas singulares, não acho que sejam meus inimigos, acho que são rivais nos meus ideais.”* (EP7). O que vai ao encontro da noção proposta por Tajfel (1971), que dita que devido à identificação social um adepto está mais propenso a ter relações positivas com indivíduos inseridos no seu grupo, quando comparados com indivíduos exteriores ao mesmo.

Quando existem relações previamente estabelecidas com sujeitos que apoiem outros clubes, verifica-se que existem participantes que não se restringem de ver jogos com os mesmos - *“Eu conseguia ver o jogo com adeptos do clube adversário, mas sei que o ambiente ia estar um bocado tenso. E podia desencadear coisas piores.”* (EP6) – e participantes que se recusam a ver os jogos do seu clube com apoiantes do clube adversário – *“Não, impossível, isso não acontece. Não pode acontecer, não consigo ver jogos com adepto do clube que está a jogar contra o meu.”*(EP3).

## **8. Conclusão**

Ao longo deste estudo, foram levantadas diversas questões associadas a membros de claques, sendo uma das mais significativas e iniciais a questão associada ao porquê de existir uma adesão a grupos organizados de apoio a clubes desportivos.

É possível, através da informação que fomos apurando, determinar que as claques são vistas como um espaço seguro para adeptos com elevados níveis de identificação. Espaços onde um adepto possa cantar, gritar e expressar emoções sem existir um medo de censura ou de preconceito acaba por ser um fator crucial para os adeptos se juntarem a uma claque. Além disso, existe uma noção constante, ao longo das entrevistas, de que o facto de existir uma partilha de ideais entre o grupo e o adepto que está a ponderar juntar-se ao mesmo é também relevante. O facto de existir um grupo de sujeitos com ideais semelhantes ao de um dado sujeito, acaba por ser um fator social de grande relevância para a adesão do mesmo.

Tendo uma percepção mais aprofundada dos motivos principais para um sujeito aderir a uma claque, acabamos por perceber que existem diferenças entre um apoiante casual de um clube e um membro de uma claque. Como referido previamente, um maior nível de identificação com o clube leva a uma maior probabilidade de se juntar a uma claque.

Contudo, níveis superiores de identificação do adepto têm apenas consequências na probabilidade de adesão a uma claque? Segundo os nossos dados, não. Quanto maior o nível de identificação menor é a percepção de lazer associada à vivência do futebol, as vitórias e as derrotas do clube são percebidas como vitórias e derrotas pessoais e a equipa passa a ser uma extensão do adepto.

Outro tema que é referido ao longo do trabalho são as diferenças de comportamentos entre um apoiante casual de um clube e um membro de claque. Neste aspeto, volta a surgir a questão dos níveis de identificação, pois maiores níveis levam a uma maior probabilidade de se verificarem processos de desindividualização quando inseridos num grupo, neste caso, nas claque. Estes processos de desindividualização, por sua vez, levam a um aumento da percepção de anonimato e de uma diminuição do controlo comportamental. Estes dois fatores, aliados, levam a um aumento de comportamentos desviantes, como comportamentos violentos relativamente aos adversários, existindo inclusive insight por parte dos participantes quanto a obterem comportamentos que não teriam fora do contexto de claque.

Além de moldar, em certa medida, os comportamentos do sujeito que nela se insere, a claque acaba também por moldar a vida social do mesmo. Para lá de consumir parte do tempo livre de um dado sujeito, o facto de um adepto estar inserido numa claque, onde é esperado que se verifiquem níveis de identificação elevados, leva a uma construção social facilitada, no sentido em que, ao estar rodeado de pessoas com os mesmos ideais que os seus, mais facilmente acaba por cimentar as suas crenças e convicções. Ainda em termos sociais, é possível observar na nossa amostra que a devastadora maioria dos participantes fazem uma seleção social com base no facto de o outro interveniente ser ou não do seu clube, existindo a noção de que se não for passa a ser um rival em termos de ideais ou incompatível socialmente.

Este projeto conta com algumas limitações, sendo de particular relevância mencionar a dificuldade em conseguir obter participantes. O mundo das claque acaba por ser

acompanhada de preconceito, levando a que haja uma certa reticência em colaborar em projetos que envolvam assumir a identidade de membro de claque.

Uma outra limitação considerada relevante acaba por ser a falta de literatura relativa ao tema. Existe atualmente bastante literatura quanto à relação do comportamento humano e a inserção num grupo, no entanto, quando relacionado particularmente com grupos de adeptos organizados, acaba por não existir em grande quantidade.

Para finalizar, consideramos que um estudo futuro relevante para a investigação na área poderia ser analisar as diferenças nos níveis de identificação de membros de claque e de apoiantes casuais relativamente a um clube. Potencialmente, embora mais complexo, se pudesse inclusive incluir uma amostra de ultras de um clube. Desta forma poderia aceder-se a uma noção mais detalhada das diferenças concretas entre estes grupos, sendo que atualmente, neste estudo, as perceções podem acabar por ser enviesadas devido a conter relatos de apenas membros de claques.

## 9. Referências bibliográficas:

- Bernache-Assollant, I., Bouchet, P., Auvergne, S., & Lacassagne, M. F. (2011). Identity crossbreeding in soccer fan groups: A social approach. The case of Marseille (France). *Journal of sport and social issues*, 35(1), 72-100. <https://doi.org/10.1177/0193723510396667>
- Blakemore, S. J., & Choudhury, S. (2006). Development of the adolescent brain: implications for executive function and social cognition. *Journal of child psychology and psychiatry*, 47(3-4), 296-312. <https://doi.org/10.1111/j.1469-7610.2006.01611.x>
- Boen, F., Vanbeselaere, N., & Feys, J. (2002). Behavioral consequences of fluctuating group success: An Internet study of soccer-team fans. *The Journal of social psychology*, 142(6), 769-781. <https://doi.org/10.1080/00224540209603935>
- Boen, F., Vanbeselaere, N., & Swinnen, H. (2005). Predicting fan support in a merger between soccer teams: A social-psychological perspective. *International Journal of Sport Psychology*, 36(1), 1-21.
- Branscombe, N. R., & Wann, D. L. (1992). Role of identification with a group, arousal, categorization processes, and self-esteem in sports spectator aggression. *Human relations*, 45(10), 1013-1033. <https://doi.org/10.1177/001872679204501001>
- Bridges, J., Gray, W., Box, G., & Machin, S. (2008). Discovery interviews: a mechanism for user involvement. *International Journal of Older People Nursing*, 3(3), 206-210. <https://doi.org/10.1111/j.1748-3743.2008.00128.x>
- Bromberger, C. (1995). Le match de football. Ethnologie d'une passion partisane à Marseille, Naples et Turin [The soccer game. Ethnology of the fervent support for Marseille, Naples and Turin]. Paris, France: Edition de la maison des sciences de l'homme. <https://doi.org/10.1177/0193723510396667>
- Brummett, B., & Duncan, M. C. (1990). Theorizing without totalizing: Specularity and televised sports. *Quarterly Journal of Speech*, 76(3), 227-246. <https://doi.org/10.1080/00335639009383917>

- Bruner, M. W., Boardley, I. D., & Côté, J. (2014). Social identity and prosocial and antisocial behavior in youth sport. *Psychology of sport and exercise, 15*(1), 56-64. <https://doi.org/10.1016/j.psychsport.2013.09.003>
- Cameron, J. E. (2004). A three-factor model of social identity. *Self and identity, 3*(3), 239-262. <https://doi.org/10.1080/13576500444000047>
- Carnibella, G., Fox, A., Fox, K., McCann, J., Marsh, J., & Marsh, P. (1996). Football violence in Europe. *Unpublished report to the Amsterdam Group*. <https://doi.org/10.1080/13576500444000047>
- Corbetta, P. (2003). *Social research: Theory, methods and techniques*. Sage.
- Corbin, J., & Strauss, A. (2014). *Basics of qualitative research: Techniques and procedures for developing grounded theory*. Sage publications..
- Costa Jr, P. T., Herbst, J. H., McCrae, R. R., & Siegler, I. C. (2000). Personality at midlife: Stability, intrinsic maturation, and response to life events. *Assessment, 7*(4), 365-378. <https://doi.org/10.1177/107319110000700405>
- Dimmock, J. A., & Grove, J. R. (2005). Relationship of fan identification to determinants of aggression. *Journal of Applied Sport Psychology, 17*(1), 37-47. <https://doi.org/10.1080/10413200590907559>
- Doidge, M. (2013). 'The birthplace of Italian communism': political identity and action amongst Livorno fans. *Soccer & Society, 14*(2), 246-261. <https://doi.org/10.1080/14660970.2013.776471>
- Duncan, M. C., & Brummett, B. (1989). Types and sources of spectating pleasure in televised sports. *Sociology of Sport Journal, 6*(3), 195-211. Duncan, M. C., & Brummett, B. (1989). Types and sources of spectating pleasure in televised sports. *Sociology of Sport Journal, 6*(3), 195-211.
- Dunning, E & Curry, I. (2004). Public schools, status rivalry and the development of football. In E. Dunning, D. Malcolm, & I. Waddington (Eds.), *Sports histories: Figurational studies of the development of modern sports* (pp. 31-52). London: Routledge.
- End, C. M., Kretschmar, J., Campbell, J., Mueller, D. G., & Dietz-Uhler, B. (2003). Sport Fans' Attitudes Toward War Analogies as Descriptors for Sport. *Journal of Sport Behavior, 26*(4).
- Funder, D. C. (1997). *The personality puzzle*. WW Norton & Co.

- Funder, D. C., & Fast, L. A. (2010). Personality in social psychology. <https://doi.org/10.1002/9780470561119.socpsy001018>
- Giulianotti, R. (1999). Hooligans and carnival fans: Scottish football supporter cultures. In *Football cultures and identities* (pp. 29-40). Palgrave Macmillan, London. [https://doi.org/10.1057/9780230378896\\_3](https://doi.org/10.1057/9780230378896_3)
- Giulianotti, R. (2002). Supporters, followers, fans, and flaneurs: A taxonomy of spectator identities in football. *Journal of sport and social issues*, 26(1), 25-46. <https://doi.org/10.1177/0193723502261003>
- Glaser, B. G. (1999). The future of grounded theory. *Qualitative health research*, 9(6), 836-845. <https://doi.org/10.1177/104973299129122199>
- Hogg, M. A., & Abrams, D. (Eds.). (2001). *Intergroup relations: Essential readings* (Vol. 1). Psychology Press.
- Hogg, M. A., & Williams, K. D. (2000). From I to we: Social identity and the collective self. *Group dynamics: Theory, research, and practice*, 4(1), 81. <https://doi.org/10.1037/1089-2699.4.1.81>
- Hogg, M. A., Terry, D. J., & White, K. M. (1995). A tale of two theories: A critical comparison of identity theory with social identity theory. *Social psychology quarterly*, 255-269. <https://doi.org/10.2307/2787127>
- Holloway, I., & Wheeler, S. (2010). The nature and utility of qualitative research. *Qualitative Research in Nursing and Health Care*. Chichester: Wiley-Blackwell.
- Holt, D. B. (1995). How consumers consume: A typology of consumption practices. *Journal of consumer research*, 22(1), 1-16. <https://doi.org/10.1086/209431>
- Hornstein, H. A. (1976). Cruelty and kindness: A new look at aggression and altruism.
- Jenkins, S. T., Reysen, S., & Katzarska-Miller, I. (2012). Ingroup identification and personality. *Journal of Interpersonal Relations, Intergroup Relations and Identity*, 5(1), 9-16.
- Kahle, L. R., & Riley, C. (Eds.). (2004). *Sports marketing and the psychology of marketing communication*. Psychology Press.

- Kelly, S.W., & Tian, K. (2004). Fanatical consumption: An investigation of the behavior of sport fans through textual data. In L.R. Kayle & C. Riley, (Eds.), *Sports Marketing and the Psychology of Marketing Communication* (pp. 27-66). London: Lawrence Erlbaum
- Knoll, L. J., Leung, J. T., Foulkes, L., & Blakemore, S. J. (2017). Age-related differences in social influence on risk perception depend on the direction of influence. *Journal of Adolescence*, *60*, 53-63. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2017.07.002>
- Lam, C. B., McHale, S. M., & Crouter, A. C. (2014). Time with peers from middle childhood to late adolescence: Developmental course and adjustment correlates. *Child development*, *85*(4), 1677-1693. <https://doi.org/10.1111/cdev.12235>
- Lei n.º 39/2009, de 30 de julho. Diário da República, I.ª Série, n.º 146
- Longhurst, R. (2003). Semi-structured interviews and focus groups. *Key methods in geography*, *3*(2), 143-156.
- Mack, N. (2005). *Qualitative research methods: A data collector's field guide*
- Malakolunthu, S. (2007). *Teacher learning in Malaysia: Problems and possibilities of reform*. University of Malaya Press.
- Mann, L., Newton, J. W., & Innes, J. M. (1982). A test between deindividuation and emergent norm theories of crowd aggression. *Journal of Personality and Social Psychology*, *42*(2), 260. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.42.2.260>
- Marsh, P., Fox, K., Carnibella, G., McCann, J., & Marsh, J. (1996). Football violence and hooliganism in europe. *The Amsterdam Group of Sport and Exercise Psychology*, *16*(4), 347-364.
- Mischel, W. (2013). *Personality and assessment*. Psychology Press.
- Nelson, E. E., Leibenluft, E., McClure, E. B., & Pine, D. S. (2005). The social re-orientation of adolescence: a neuroscience perspective on the process and its relation to psychopathology. *Psychological medicine*, *35*(2), 163-174.
- Nezlek, J. B., & Smith, C. V. (2005). Social identity in daily social interaction. *Self and Identity*, *4*(3), 243-261. <https://doi.org/10.1080/13576500444000308>
- Nuytens, W. (2004). *La popularité du football. Sociologie des supporters à Lens et à Lille* [The popularity of soccer. Sociology of the fans at Lens and Lille]. Arras, France: Artois Presse Université.

- O'Brien, S. F., & Bierman, K. L. (1988). Conceptions and perceived influence of peer groups: Interviews with preadolescents and adolescents. *Child development*, 1360-1365. <https://doi.org/10.2307/1130498>
- Ostrowsky, M. K. (2014). The social psychology of alcohol use and violent behavior among sports spectators. *Aggression and violent behavior*, 19(4), 303-310. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2014.05.001>
- Pons, F., Laroche, M., Nyeck, S., & Perreault, S. (2001). Role of Sporting Events as Ethnoculture's Emblems: Impact of Acculturation and Ethnic Identity on Consumers' Orientation Toward Sporting Events. *Sport Marketing Quarterly*, 10(4).
- Power, Z., Campbell, M., Kilcoyne, P., Kitchener, H., & Waterman, H. (2010). The Hyperemesis Impact of Symptoms Questionnaire: development and validation of a clinical tool. *International journal of nursing studies*, 47(1), 67-77. <https://doi.org/10.1016/j.ijnurstu.2009.06.012>
- Reicher, S. D. (1984). Social influence in the crowd: Attitudinal and behavioural effects of de-individuation in conditions of high and low group salience. *British Journal of Social Psychology*, 23(4), 341-350. <https://doi.org/10.1111/j.2044-8309.1984.tb00650.x>
- Reynolds, K. J., Turner, J. C., Branscombe, N. R., Mavor, K. I., Bizumic, B., & Subašić, E. (2010). Interactionism in personality and social psychology: An integrated approach to understanding the mind and behaviour. *European Journal of Personality*, 24(5), 458-482. <https://doi.org/10.1002/per.782>
- Ross, L., Greene, D., & House, P. (1977). The "false consensus effect": An egocentric bias in social perception and attribution processes. *Journal of experimental social psychology*, 13(3), 279-301.
- Roversi, A. (1991). Football violence in Italy. *International Review for the Sociology of Sport*, 26(4), 311-331. [https://doi.org/10.1016/0022-1031\(77\)90049-X](https://doi.org/10.1016/0022-1031(77)90049-X)
- Russell, G. W. (1995). Personalities in the crowd: Those who would escalate a sports riot. *Aggressive Behavior*, 21(2), 91-100. [https://doi.org/10.1002/1098-2337\(1995\)21:2<91::AID-AB2480210202>3.0.CO;2-Z](https://doi.org/10.1002/1098-2337(1995)21:2<91::AID-AB2480210202>3.0.CO;2-Z)

- Russell, G. W., & Arms, R. L. (1998). Toward a social psychological profile of would-be rioters. *Aggressive Behavior: Official Journal of the International Society for Research on Aggression*, 24(3), 219-226. [https://doi.org/10.1002/\(SICI\)1098-2337\(1998\)24:3<219::AID-AB6>3.0.CO;2-F](https://doi.org/10.1002/(SICI)1098-2337(1998)24:3<219::AID-AB6>3.0.CO;2-F)
- Sagiv, L., Roccas, S., & Hazan, O. (2012). Identification with groups: The role of personality and context. *Journal of Personality*, 80(2), 345-374. [https://doi.org/10.1002/\(SICI\)1098-2337\(1998\)24:3<219::AID-AB6>3.0.CO;2-F](https://doi.org/10.1002/(SICI)1098-2337(1998)24:3<219::AID-AB6>3.0.CO;2-F)
- Schultze, U., & Avital, M. (2011). Designing interviews to generate rich data for information systems research. *Information and organization*, 21(1), 1-16. <https://doi.org/10.1016/j.infoandorg.2010.11.001>
- Silva, C. R., Gobbi, B. C., & Simão, A. A. (2005). O uso da análise de conteúdo como uma ferramenta para a pesquisa qualitativa: descrição e aplicação do método. *Organizações rurais & agroindustriais*, 7(1), 70-81.
- Simons, Y., & Taylor, J. (1992). A psychosocial model of fan violence in sports. *International Journal of Sport Psychology*.
- Singer, J. E., Brush, C. A., & Lublin, S. C. (1965). Some aspects of deindividuation: Identification and conformity. *Journal of Experimental Social Psychology*. [https://doi.org/10.1016/0022-1031\(65\)90015-6](https://doi.org/10.1016/0022-1031(65)90015-6)
- Spaaij, R. (2007). Football hooliganism as a transnational phenomenon: Past and present analysis: A critique—More specificity and less generality. *The international journal of the history of sport*, 24(4), 411-431. <https://doi.org/10.1080/09523360601157156>
- Spaaij, R., & Viñas, C. (2005). Passion, politics and violence: A socio-historical analysis of Spanish ultras. *Soccer & Society*, 6(1), 79-96. <https://doi.org/10.1080/1466097052000337034>
- Tajfel, H. (1981). *Human groups and social categories: Studies in social psychology*. Cup Archive.
- Tajfel, H., Billig, M. G., Bundy, R. P., & Flament, C. (1971). Social categorization and intergroup behaviour. *European journal of social psychology*, 1(2), 149-178. <https://doi.org/10.1002/ejsp.2420010202>
- Tajfel, H., Turner, J. C., Austin, W. G., & Worchel, S. (1979). An integrative theory of intergroup conflict. *Organizational identity: A reader*, 56, 65.

- Tajfel, H., Turner, J. C., Austin, W. G., & Worchel, S. (1979). An integrative theory of intergroup conflict. *Organizational identity: A reader*, 56, 65.
- Testa, A., & Armstrong, G. (2008). Words and actions: Italian ultras and neo-fascism. *Social Identities*, 14(4), 473-490. <https://doi.org/10.1080/13504630802211951>
- Turner, J. C., Hogg, M. A., Oakes, P. J., Reicher, S. D., & Wetherell, M. S. (1987). *Rediscovering the social group: A self-categorization theory*. Basil Blackwell.
- van den Bos, W. (2013). Neural mechanisms of social reorientation across adolescence. *Journal of Neuroscience*, 33(34), 13581-13582. <https://doi.org/10.1523/JNEUROSCI.2667-13.2013>
- Wann, D. L. (1996). Seasonal changes in spectators' identification and involvement with and evaluations of college basketball and football teams. *The Psychological Record*, 46(1), 201-215.
- Wann, D. L., & Branscombe, N. R. (1993). Sports fans: Measuring degree of identification with their team. *International Journal of Sport Psychology*.
- Wann, D. L., & Schrader, M. P. (1996). An analysis of the stability of sport team identification. *Perceptual and Motor Skills*. <https://doi.org/10.2466/pms.1996.82.1.322>
- Wann, D. L., Carlson, J. D., & Schrader, M. P. (1999). The impact of team identification on the hostile and instrumental verbal aggression of sport spectators. *Journal of Social Behavior and Personality*, 14(2), 279-286.
- Wann, D. L., Dolan, T. J., McGeorge, K. K., & Allison, J. A. (1994). Relationships between spectator identification and spectators' perceptions of influence, spectators' emotions, and competition outcome. *Journal of Sport and Exercise Psychology*, 16(4), 347-364. <https://doi.org/10.1123/jsep.164.347>
- Wann, D. L., Melnick, M. J., Russell, G. W., & Pease, D. G. (2001). *Sport fans: The psychology and social impact of spectators*. Routledge.
- Wann, D. L., Schrader, M. P., & Adamson, D. R. (1998). The cognitive and somatic anxiety of sport spectators. *Journal of Sport Behavior*, 21(3), 322.

Zimbardo, P. G. (1969). The human choice: Individuation, reason, and order versus deindividuation, impulse, and chaos. In *Nebraska symposium on motivation*. University of Nebraska press.

Zimbardo, P. G. (1969). The human choice: Individuation, reason, and order versus deindividuation, impulse, and chaos. In *Nebraska symposium on motivation*. University of Nebraska press.

# Anexos

## **Anexo I: Guião de Entrevista**

Parte I - Questionário sociodemográfico:

- a) Há quanto tempo é membro de um grupo organizado de adeptos?
- b) Num mês qual é a média de jogos que vê no estádio?
- c) Vai sozinho ou acompanhado aos jogos?
  - i) Se for acompanhado, vai com quem?

## Parte II

1. Para si, o que significa ser membro de uma claque?
  - a. Explicar o percurso até pertencer a uma claque
  - b. Motivações que o levam a pertencer a uma claque
  - c. Sente que existe preconceito em relação a membros da claque?
  - d. Vê o seu clube como sendo um uma extensão de si ou uma parte de lazer do seu dia a dia;
2. Pode me explicar por palavras suas as principais diferenças entre ser adepto de um clube ou pertencer a uma claque?
3. A perspetiva que as pessoas de fora têm em relação às claques nem sempre é a melhor, devido também a algumas notícias. Sente que esta perspetiva relativa às claques é justa?
  - a. Sente que tem comportamentos diferentes quando está com outros membros da claque?
  - b. Sente que por pertencer a uma claque já teve comportamentos com os quais não se identifica, ou consegue distanciar-se e impor limites.
  - c. Sente que reage de forma mais emotiva ao jogo de futebol quando com a claque?
4. Como se sente relativamente às vitórias da sua equipa, e por sua vez, como se sente relativamente às derrotas da sua equipa.
  - a. Consegue separar-se das derrotas da sua equipa ou sente que também são derrotas suas.

5. Sente que ser membro de uma claque influência / interfere com as suas relações pessoais?
6. Pode descrever-me como vê uma pessoa que não seja do seu clube?
  - d) O que sente em relação a pessoas de clubes diferentes dos seu?
  - e) Costuma ver os jogos da sua equipa com amigos de outros clubes?
  - f) Vê as pessoas de outros clubes como seus inimigos?

## Anexo II: Sistema Geral de Categorias

### 1. Motivos que o levaram a juntar-se a uma claque (1ª Geração de Categorias)

Categoria que aborda os fatores motivadores que levaram um individuo a pertencer a uma claque.

2ª Geração de Categorias	3ª Geração de Categorias	Exemplos de dados	Nº de documentos	Nº de referências
<b>a. Poder cantar</b>		EP1: “Porque eu tenho que estar a cantar. Obviamente, tem que estar a cantar e nas bancadas centrais não se canta.”	2	4
<b>b. Poder apoiar</b>		EP6: “Desde então fiquei fã das claques e da forr como eles apoiam as equipas e foi isso que me motivou a inserir-me numa claque.”	3	3
<b>c. O Futebol já fazia parte da sua vida</b>		EP4: “E eu sempre cresci um bocado rodeado pelo futebol e por estes ambientes assim e em	2	2

dezembro de 2019 (dois mil e dezanove)  
também devido aos grupos de malta dos clubes,  
eu estou em vários tivemos um jantar entre  
amigos e um desses amigos pertencia à claque  
onde estou e levou-me a ver um jogo e  
convenceu-me a ficar. E agora é como uma  
família para mim.”

---

**d. Ser mais fácil ir  
aos jogos**

EP5: “Eu entrei na claque por ser um bocado  
mais fácil ir ver os jogos fora do estádio ou de  
pavilhões.”

2

2

---

**e. As pessoas têm  
mentalidades se-  
melhantes**

EP7: “Mas eu acho que é mesmo isso, é tu  
saberes que essas pessoas sentem o futebol, de  
forma mais ou menos semelhante à tua e têm  
ideais, se se podem chamar ideais, parecidos  
com os teus.”

1

1

---

## 2. Adepto vs Membro de uma claque (2ª Geração de Categorias)

Categoria que aborda o que leva um individuo a juntar-se a uma claque, sendo realizada uma descrição do que é um adepto, do que é um ultra e por último as principais diferenças que os distinguem.

2ª Geração de Categorias	3ª Geração de Categorias	Exemplos de dados	Nº de documentos	Nº de referências
<p><b>a. Adepto</b></p> <p><b>Descrição do Individuo que costuma assistir aos jogos do seu clube no estádio e que não pertence a uma claque</b></p>		<p>EP4: “Sim, é diferente. Para já os adeptos “normais” não fazem isso. Por exemplo, a minha claque dá muito valor a todas as modalidades. E na minha opinião um adepto “normal” não vai ver um jogo de basquetebol se for preciso só vai ver jogos com o Benfica ou com o porto.”</p>	1	3
<p><b>b. Membro de uma claque:</b></p>	<p>O significado de ser um membro de uma claque</p>	<p>EP7:“Acho que é mesmo pela possibilidade que tenho de acompanhar o clube que eu gosto e acompanhar de uma forma diferente</p>	5	14

**Identificação do papel  
de um membro de uma  
claque**

do que se calhar a maioria, porque a maioria vai aos estádios ver os jogos e vai embora, eu gosto da parte do convívio, gosto das partes das musicas, gosto da parte de ter amigos que tu sabes que dizem “olha amanhã vamos ao jogo” e vamos, e acabamos por ir 3 (três) horas mais cedo e acabamos por estar a cantar e estamos juntos.”

Apoiar a equipa:	EP7: “A questão de fazer parte de uma claque nem tem haver com a questão de pertencer a um grupo ou de ser mais socio que ou outros, tem haver com a questão de apoiar.”	4	8
O significado de ser ultra	EP2: “Um ultra, dedica os outros minutos todos e é um bocado por aí, é. Ser ultra é ser radical em vários aspetos é mostrar que está presente, puxar e tem uma energia que só nós nos identificarmos com ela, custa a não estar, e	2	3

acho que isso também envolve o facto de ter esta esta mentalidade de estar sempre presente não só do grupo, mas individualmente. É uma coisa que cativa.”

	Sacrifícios em prol do clube	EP1: “O nosso fim de semana fica sempre reservado para o X sempre e o nosso dinheiro fica sempre reservado para o X.”	2	5
<b>c. Diferenças entre Adepto e um membro de uma claque</b>	Mentalidade	EP6: “Mentalidades sem dúvidas. Compreendo perfeitamente, por exemplo, o meu pai prefere sentar-se numa cadeira e ver o jogo com calma. Eu, por outro lado, prefiro estar em pé a apoiar a equipa. Por isso creio que mentalidade é sem dúvidas a palavra que mais define essas diferenças.”	2	2
<b>Diferenças referidas por membros claques, relativas ao adepto e a um membro de claque</b>	Os adeptos só vão perto da hora do jogo.	EP4: “Há pessoas que só vão ao estádio para ver jogos importantes há outros que vêm jogos mais espaçadamente e vão vendo uns assim menos importantes com equipas mais “fracas”	2	2

---

por assim dizer e depois há os adeptos como nós que estão lá sempre. Por exemplo, não podemos ir porque temos de trabalhar, mas estamos lá praticamente sempre, não falhamos quase nada. Acho que são algumas das diferenças.”

---

### 3. Comportamento:

**Categoria que aborda todas as questões relacionadas com os comportamentos apresentados por membros de claque e possíveis fatores precipitantes destes comportamentos.**

2ª Geração de Categorias	3ª Geração de Categorias	Exemplos de dados	Nº de documentos	Nº de referências
<b>a. Comportamentos apresentados por membros de claque</b>		EP5: “Numa final de uma taça no Jamor, eu vi um adepto do Braga a perguntar-nos onde é que ficavam os seus autocarros e onde é que pertencia a zona do Braga e só por passar por lá foi maltratado por pessoas que eu nunca pensei que fossem fazer uma coisa daquelas.”	6	8
<b>Categoria que aborda todas as questões</b>				

**relacionadas com os comportamentos apresentados por membros de claque e possíveis fatores precipitantes destes comportamentos.**

<p><b>b. Influência do meio no comportamento de um membro de uma claque:</b></p>	<p>Consumo de álcool e estupefacientes</p>	<p>EP3: “Ou seja, o futebol também como está muito associado ao convívio também o álcool promove às vezes outros disparates, e as coisas às vezes proporcionam-se.”</p>	<p>2</p>	<p>3</p>
<p><b>Descrição do papel que o meio tem no comportamento dos membros de claque</b></p>	<p>Emoção sentida no jogo</p>	<p>EP1: “Acho mesmo que o comportamento das pessoas muda por estarem na claque ou é influenciado, o comportamento enquanto adepto é influenciado por pertencer à claque, não digo que seja influenciado pelos outros membros, ou seja, eu tenho um determinado comportamento que não teria porque vejo</p>	<p>4</p>	<p>10</p>

---

outros a ter não acho que seja isso acho é que é a questão das emoções honestamente.”

---

Pertencer a um grupo	EP5: “Porque uma pessoa pode achar que porque está numa claque pode agir mais brutalmente ou pode ser mesmo da pessoa ela estar a reagir daquela maneira.”	3	4
----------------------	--	---	---

---

Ambiente	EP7: “Completamente, isso é aquela ideia sociológica de tu agires conforme o meio onde estás. Acho que sim e que somos muito motivados pelo contexto onde estamos e isso acontece-me imenso. Obviamente que eu enquanto estou ali (num jogo) posso estar mais irritada e claro que eu vou gritar e claro que vou chamar nomes, mas na vida fora do jogo claro que não seria ou me comportaria dessa maneira. No que diz respeito a ações mais perigosas não me identifico. Mas acredito que sim, que haja pessoas que podem mudar a forma de agir consoante o contexto.”	1	2
----------	--	---	---

		EP6: “Está relacionado com tipos de personalidade.”		
<b>c. Características Individuais:</b> <b>Descrição da influência das características individuais no comportamento de um membro de uma claque</b>	Características psicológicas	EP4: “Sim, pode ser mais influenciável, mais inconsciente. Porque às vezes as pessoas são inocentes e metem-se em coisas que não devem sem terem consciência e depois no fim é que se apercebem que não o deveriam ter feito.”	5	9
	Características sociodemográficas	EP6: “Concordo, acho que as pessoas mais novas não têm tanta experiência nem tanta maturidade e acabam por se deixar levar pelo que acontece ao seu redor enquanto as pessoas mais velhas, mais vividas tem uma personalidade mais forte e não cometem as “estupidezes” que os adolescentes cometem.”	2	4

#### 4. Identificação de um adepto:

Categoria que aborda as questões que estão relacionadas com a identificação do adepto ao seu clube.

2ª Geração de Categorias	3ª Geração de Categorias	Exemplos de dados	Nº de documentos	Nº de referências
<b>a. Lazer:</b> <b>Descrição de quando ir ao estádio e acompanhar o seu clube não é visto como lazer, perspectiva de um membro de claque</b>		EP1: “Então e acho que também é por isso e por nós sentirmos tanto e vibrarmos tanto que não conseguimos de todo fazer disto somente uma coisa de lazer, não dá mesmo, nem o nosso coração sequer permite, eu acho que já é quase natural de ser uma parte de nós.”	2	5
<b>b. Como são sentidas as vitórias/ derrotas:</b> <b>Descrição dos sentimentos vivenciados por membros de claques quando a sua equipa ganha,</b>	Como são sentidas as vitórias por membros de claques	EP2: “Sem dúvida, até porque eu, eu vejo deste ponto de vista, eu sou parte enquanto sócio do meu clube, eu faço parte e eu sou uma peça de toda a organização. É uma vitória pessoal minha também, sem dúvida.”	4	7
	Como são sentidas as derrotas por membros de claques	EP4: “Fomos lá e perdemos o jogo. Eu vim o caminho todo quase sem falar, fomos comer, mas era aquele sentimento de termos perdido, é difícil. Fazer horas e horas de caminho e	7	11

---

**é derrotada ou empata**

chegares lá e ser aquela desilusão. Não nos arrependemos, mas é difícil. Vais buscar outras vitórias para não te sentires tao mal. Vais buscar vitórias a outras modalidades do clube.”

---

**c. Faz parte de si:**

**Descrição de quando o clube é sentido como parte integral da vida de um membro de claques**

EP4: “Eu vejo como se fosse a minha vida. É uma parte de mim que eu não conseguia viver sem. Às vezes mesmo o sofrer que acontece nos jogos era uma coisa que eu não me conseguia habituar viver sem aquilo.”

2

5

---

### **5. Influência do clube nas relações pessoais:**

**Categoria que aborda as questões relacionadas com as relações pessoais de membros de claque, onde se tenta perceber se o facto de um individuo ser de outro clube/ claque tem um influencia nas relações pessoais dos mesmos**

---

**2ª Geração de Categorias**

**3ª Geração de Categorias**

**Exemplos de dados**

**Nº de documentos**

**Nº de referências**

<b>a. Relações pessoais:</b> <b>Descrição da</b> <b>influência que tem um</b> <b>indivíduo ser de outro</b> <b>clube / claque nas</b> <b>relações pessoais de</b> <b>um membro de claque</b>	Tem Influência	EP6: “Contudo, se for para conhecer agora uma pessoa de outra claque, é obvio que não tenho muito interesse, isto se for um rival como é obvio, mas se for de outra claque de um clube mais pequeno creio que não haja problema, mas de um rival creio que há um choque de mentalidades.”	2	4
	Depende da personalidade da pessoa	EP1: “Eu acho que isso também depende muito é do feitio da outra pessoa ou de ambas vá porque há pessoas que podem estar aqui 1 hora a discutir e depois está tudo bem há outras pessoas podem estar 1 hora a discutir, mas o teor de discussão é tão ofensivo que as coisas não conseguem ficar bem.”	2	2
	Depende dos ideais da pessoa	EP7: “Outra claque não, clube sim e não. Ou seja, não é pelo clube, não é pela outra pessoa ser do X ou do Y que me vou deixar de dar com a pessoa. É um bocado por causa das conversas	2	2

---

que acabam por surgir porque depois nunca estamos de acordo, isso acontece muitas vezes. Eu posso dizer que não, porque isso acontece-me seja a nível de futebol, política, etc. se não me identifico com uma pessoa ou com os temas de conversa que ela tem, ou com as suas ideias eu acabo por “desligar” um pouco, mas acho que isso não tem haver, pelo menos no meu caso que não deixo de ter amigos que sejam de outro clube, até porque, muitos dos meus melhores amigos são X.”

---

Não tem influência

EP3: “A maior parte das minhas relações de amizade é tudo, maior parte dos meus amigos são todos do XX, pronto lá está, conheço muito mais pessoas dos membros é diferente, mas não é por ser que vai ser meu amigo e não é por não ser que não vai ser.”

4

5

---

1

1

---

	Consigo ver jogos com pessoas de outros clubes/ claques	EP6: “Eu conseguia ver o jogo com adeptos do clube adversário, mas sei que o ambiente ia estar um bocado tenso. E podia desencadear coisas piores.”		
<b>b. Assistir a jogos com adeptos de outros clubes:</b>	Não consigo/ não gosto de ver jogos com pessoas de outros clubes/ claques	EP3: “Não, impossível, isso não acontece. Não pode acontecer, não consigo ver jogos com adepto do clube que está a jogar contra o meu.”	4	8
<b>Descrição de eventos onde podem estar pessoas de outros clubes/ claques</b>	Depende da personalidade da pessoa do outro clube:	EP3: “Depende da envôlvência desse meu amigo, ou melhor, da emoção que esse meu amigo tem pelo clube dele, se ele demonstrar muitos comentários, não vai dar se ele for como eu te disse que sou em casa, uma pessoa super calma, quieta, sentada que não salte da cadeira se for golo é tranquilo, sem problema algum. Por norma não faço para prevenir eu vou para o café eu entro passado 5 minutos o XX está a perder já estou a levar com bocas, vou me logo	2	3

---

embora para não ter de ir embora nem vou,  
mantenho me só com os meus, digamos assim.”

---

Adeptos de outros  
clubes como inimigos /  
rivais.”

EP7: “Depende um bocado  
das pessoas que sejam, e  
neste caso nem é preciso ser  
de outro clube. Já tivemos  
imensas situações onde  
pessoas de outras claques  
tiveram abordagens menos  
certas connosco,  
principalmente mulheres. Mas  
isto vem de pessoas  
singulares, não acho que  
sejam meus inimigos, acho  
que são rivais nos meus  
ideais.”

3

3